

A coragem de Terry Jesko



QUANDO Terry Jesko, menino de oito anos, não estava na escola nem jogando bola com os amigos, costumava ajudar seu pai, Lee Jesko, quando este alimentava o gado ou guiava um dos tratores na fazenda. Desde que aprendera a andar, seguia com o pai para o campo, observando, perguntando, ouvindo as pacientes explicações de Lee sobre as mil e uma tarefas de um fazendeiro.

Na tarde de 4 de maio de 1973, sexta-feira, Terry chegou da escola de Lazbuddie, no Texas, cerca das

Era apenas um garoto,
mas a necessidade obrigou-o
a usar a força
e a perícia de um adulto

WANDA EVANS

três e meia. Brenda Jesko deu a seu filho uma ligeira refeição e levou-o ao campo onde o marido estava semeando sorgo. Lee conduzia o enorme trator de seis sulcos, equipado com semeadeiras e uma mondadeira giratória, dispositivo de lâminas, colocado à

frente dos semeadores para ceifar as ervas daninhas e o capim alto. Terry queria que o pai lhe ensinasse a guiar o trator. Durante algumas horas seguiu na cabina ao lado de Lee, e este finalmente deixou-o tomar o volante.

O Sol já declinava quando Lee reduziu a velocidade do trator quase a zero. «Vou descer e dar uma olhada nas semeadeiras», disse a Terry. «Mantenha o trator em marcha lenta e direito na direção.»

Do alto da cabina da gigantesca máquina, Terry viu o pai descer e dirigir-se para a parte traseira do trator. Lee Jesko, depois de verificar as semeadeiras, encaminhou-se para a cabina. Pelo canto do olho, Terry viu-o começar a subir os degraus. Então, algo se chocou contra a porta e, quando Terry olhou em torno, não viu ninguém.

Subitamente atemorizado, o garoto olhou fixamente para o painel de controle, que não conhecia bem. Sua primeira idéia foi parar o trator. Deslizando para diante, apoiou todo o peso do corpo na embreagem e no freio, e depois torceu a chave da ignição, desligando-a. O trator estremeceu e parou. Terry saiu da cabina e desceu os degraus.

De uma vez. Seu pai jazia por terra, inconsciente, com o braço direito debaixo da mondadeira, a camisa ensopada de sangue, as pernas torcidas num ângulo impossível. Terry levantou os olhos para a roda traseira do trator, duas

vezes mais alta do que ele. Não sabia como o pai fora apanhado pela gigantesca roda e empurrado de encontro à lâmina da mondadeira.

Lutando contra o pânico, Terry tentou pensar como deveria agir. A primeira providência seria retirar o pai debaixo da mondadeira. O trator estava equipado com um elevador hidráulico para erguer e baixar as semeadeiras e a mondadeira. Talvez pudesse libertar seu pai levantando aqueles apetrechos acima do solo.

Subiu no trator e manobrou com firmeza a alavanca do elevador hidráulico, erguendo suavemente no ar os implementos. Correu então para o pai, agarrando-o pelas pernas dilaceradas e sangrentas, puxando com quanta força tinha — nem sequer o moveu. O garoto franzino de oito anos não podia com um homem inconsciente de 90 quilos, mas pelo menos a mondadeira já não comprimia seu pai contra o solo.

Terry viu que teria de procurar socorro, e bem depressa. O sol poente se refletia na *pick-up* Ford que estava estacionada no fim do sulco lavrado, a 100 metros dali. Se ao menos pudesse trazer sua mãe, ela saberia o que fazer.

Correu para a *pick-up*. A chave estava na ignição, mas suas mãos tremiam tanto que mal pôde girá-la de uma vez. Quando o motor pegou, o garoto deslizou para a extremidade do assento, meio sentado, de modo a poder alcançar o

acelerador. A casa dos Jesko ficava distante dois quilômetros e meio — na direção oposta. Teria de manobrar a *pick-up* na estreita picada. Quase podia ouvir a voz do pai, quando lhe mostrava como executar pequenas tarefas na fazenda: *Não tenha pressa! Faça tudo certo desde o princípio.*

Corrida interminável. Terry engrenou a *pick-up*, rodou o volante e pisou no acelerador. A *pick-up* moveu-se aos pulos, virando a curva, mas sem a exatidão requerida. A frente achatada enfiou-se na valeta. Engrenando marcha à ré, Terry recuou através da picada. As rodas traseiras caíram na valeta oposta. Freneticamente, engrenou mais uma vez a primeira e saiu em frente, com a *pick-up* desta vez colocada na direção correta.

Rodou para leste algumas centenas de metros e, sem diminuir a marcha, virou para norte, fazendo a curva sobre duas rodas. Parecia-lhe demorar muito a percorrer o quilômetro e meio até a curva seguinte, onde viraria para a casa.

Girou o volante rapidamente, na curva, mas era tarde. A *pick-up* atravessou velozmente a valeta e foi de encontro a uma cerca de arame farpado. Terry firmou-se no assento e passou através da cerca para a pastagem vizinha. A *pick-up* rodou aos solavancos através do pasto. Um pneumático estourou, mas tudo o que ele podia fazer era continuar em frente. Estava agora seguindo numa direção que o afastava de casa.

Alguns metros adiante, avistou um profundo rasgão no solo. Uma vala de irrigação! Torceu o volante com toda a força. Os pneumáticos dianteiros por pouco não caíram na margem da vala.

Esta última curva fechada o havia colocado finalmente no rumo certo. Rodou pelo solo irregular da pastagem até o caminho junto da casa. Freou bruscamente, desligou a chave e saltou fora do carro, gritando pela mãe. Na cozinha, não estava. Continuou chamando, de sala em sala. Ninguém em casa. Esquecera que sua mãe fora a uma reunião na igreja. Correu para o telefone e discou com o dedo trêmulo. Uma telefonista atendeu.

«Ajude-me!», implorou o garoto. «Meu pai está ferido!»

«Quem é você? Onde está seu pai?», perguntou a telefonista.

«Sou Terry Jesko. Papai teve um acidente na fazenda.»

«Onde?», perguntou de novo a telefonista. «Diga-me onde está seu pai.»

«Na fazenda», repetiu Terry, achando impossível lhe indicar com precisão onde se verificara o acidente. Então, teve uma idéia. «Chame Pete Jesko!», gritou. «É primo de Papai e nosso vizinho.»

Daí a pouco, a *pick-up* de Pete Jesko rugia na estrada. Terry entrou no carro e arrancaram.

POUCO depois de seu filho partir para casa, Lee Jesko voltou a si. A memória voltou-lhe de repente.

Quando iniciara a subida para a cabina, o pé escorregara do degrau. Fora puxado para debaixo da roda e empurrado para a afiada lâmina da mondadeira.

Por estranho que fosse, não sentia dores, embora visse que estava ensangüentado e que tinha com certeza fraturas ósseas. Chamou Terry. Nenhuma resposta. Levantando a cabeça, observou a picada. A *pick-up* não estava lá. *Garoto esperto! Foi buscar socorro.*

Ocorreu-lhe então uma idéia perturbadora: era um homem forte e, quando Terry e Brenda chegassem, não seriam capazes de metê-lo no carro. Talvez conseguisse subir no trator e levá-lo para a estrada.

Lentamente, rolou sobre si e, agarrando-se à semeadeira, pôs-se de pé. O peito doía-lhe tanto que mal podia respirar.

Reuniu todas as forças e determinação para subir os degraus e entrar na cabina. Ondas de dor, partindo de sua coxa direita, irradiavam-se para cima. *Foi um erro. Não estou melhor aqui na cabina; estou pior. Algo de muito grave se passa com meu lado direito. Será melhor me deitar, mas antes tenho de chegar à estrada.* Dominando a fraqueza, pôs o motor para funcionar e levou o trator até o fim do sulco. Aí, saiu da cabina e lentamente tombou no solo.

TERRY sorriu aliviado quando viu o trator na estrada. Seu pai estava vivo! Já anoitecera, e Peter Jesko

apontou os faróis da *pick-up* para o corpo caído no solo. Saltou fora e observou atentamente o primo. «Você está mal?»

Lee assentiu fracamente. «Acho que sim. É melhor me levar para o hospital.»

«Não, não consigo mover você, mas uma ambulância está vindo de Muleshoe. Em breve o transportará.»

Enquanto esperavam, Terry sentou-se no chão e pegou na mão do pai. Bastava-lhe saber que ele estava vivo.

Avistaram ao longe faróis e uma luz vermelha giratória. Terry observou em silêncio os enfermeiros deitando seu pai na maca. Pediu depois para entrar também. Pousou nos joelhos a mão de seu pai e segurou-a durante a viagem de 27 quilômetros, percorridos a alta velocidade, até o hospital.

«**Tudo certo.**» A equipe de plantão fora alertada e se preparara para receber o ferido. Uma enfermeira conduziu Terry para a sala-de-espera. A cada vez que ouvia passos no corredor, olhava ansiosamente para a porta, esperando ver sua mãe. Recusou a oferta de Pete de o levar para casa.

A mãe entrou finalmente na sala-de-espera e Terry correu para os seus braços. «Papai ficará bom?»

Sua mãe tentou sorrir. «O doutor ainda não sabe. Ele está mal — muito mal!» Transmitiu-lhe o diagnóstico: o pai fraturara uma vértebra e algumas costelas, e uma

destas perfurara um pulmão. Havia esmagamento da região pélvica e ele apresentava lacerações múltiplas e outras lesões internas.

«Quero ver papai», implorou Terry. «Por favor, mamãe!»

O pequeno hospital não observava regulamentos rígidos quanto a visitantes, mas, apesar disso, o doutor hesitou; Lee Jesko necessitava de repouso e tranqüilidade. Compreendeu, no entanto, que Terry desejava desesperadamente ver o pai e acedeu a uma visita de um minuto.

Uma luz velada, à cabeceira, iluminava Lee deitado, de olhos fechados, tão branco como o lençol da cama. Tubos saíam-lhe de um dos braços e do nariz. O garoto parou junto da cama, em si-

lêncio; então, avançou e tocou suavemente a mão do pai. Os olhos piscaram e abriram-se depois.

«Filho...» A voz de Jesko estava enrouquecida pelo sofrimento e pelos sedativos. Lentamente, virou um pouco a cabeça, até que seus olhos pousaram em Terry.

«Tive tanto medo...» A voz de Terry sumiu.

«Você... fez... exatamente tudo certo, meu filho», murmurou Lee. «Salvou minha vida.» Com lágrimas rolando pelas faces, Terry deixou-se levar pela mãe para fora da sala. Agora, podia ir para casa.

Lee Jesko, após quatro meses de tratamento, voltou à fazenda, ainda a tempo de fazer a colheita.



QUANDO O Bispo de Worcester regressou de um congresso da Associação Britânica Para o Desenvolvimento da Ciência, em 1860, comunicou à esposa, na hora do chá, que o Professor Thomas Huxley declarara que o homem descendia do macaco. A esposa do bispo da Igreja Anglicana, com ar muito puritano, exclamou: «Descendente do macaco! Esperemos que isso não seja verdade... mas, se for, oremos para que essa novidade não seja muito divulgada.»

— Ashley Montague, em *Vista*

QUANDO eu trabalhava nas Filipinas, costumava comprar ovos a um homem que vivia no campo e tinha de percorrer oito quilômetros para vir à cidade. Normalmente, ele vinha entregar os ovos em casa, mas, às vezes, eu mesmo ia à sua chácara para comprá-los e conversar com ele. Inexplicavelmente, os ovos custavam mais caro quando eu ia à chácara do que quando o homem tinha que andar os oito quilômetros. Um dia, já intrigado, pedi-lhe que me explicasse aquele sistema de preços, e o homenzinho me desarmou com sua explicação extremamente lógica: «Patrão, quando o senhor vem à minha chácara é porque está precisando mesmo de ovos, mas quando eu vou em casa do senhor é porque estou precisando mesmo de dinheiro.»

— W. H. S.